



## Dias de Música Electroacústica

Casa das Artes | Conservatório de Música de Seia

29 de Dezembro | 21h00

### Programa

*Welcom*  
(vln e vla)

Jorge Peixinho

*Densidades*  
(vln e electrónica)

Clotilde Rosa

*In Tempore*  
(pno e electrónica)

João Pedro Oliveira

### INTERVALO

*Anamnese das constantes ocultas\**  
(voz, fl. alto, cl. bx, harpa, pno, vln, vla, vlc, perc e electrónica)

Jaime Reis

*Docas\*\**  
(fl, cl, harpa, pno, vln, vla, vlc, perc)

Francisco Monteiro

*Oito poemas de Valter Hugo Mãe\*\**  
(voz, fl, vln, vla, vlc, harpa e pno)

Fernando Lapa

\* estreia absoluta e encomenda do GMCL

\*\* encomenda do GMCL

### Maestro

Christopher Bochmann

### Intérpretes

Mezzo-soprano – Susana Teixeira

Flauta – João Pereira Coutinho

Piano – Ana Telles

Clarinete – Luís Gomes

Violino – José Sá Machado

Percussão – Fátima Pinto

Violeta – Ricardo Mateus

Harpa – Ana Castanhito

Violoncelo – Jorge Sá Machado

### ***Welkom (1972), Jorge Peixinho***

É uma obra escrita num ano extraordinariamente fértil de produções do compositor (1972). Foi dedicada aos músicos portuenses José Luís Duarte (viola) e António Cunha e Silva (violino). Reflecte a forte ligação do compositor a esta cidade que o acolheu nos anos 60 e onde deixou muitos admiradores, discípulos e acérrimos detractores. No Porto Jorge Peixinho encontrou, ainda, um numeroso grupo de intelectuais e artistas que discutiam abertamente artes, vanguardas e políticas, contando-se entre eles personalidades como Óscar Lopes e o poeta Eugénio de Andrade.

Francisco Monteiro

### ***Densidades (2002-2003), Clotilde Rosa***

Duo para violino e gravação electroacústica (sons electrónicos e violino).

Escrita livre, mas de organização rigorosa. Este duo foi concebido para violino com uma sobreposição electroacústica estabelecendo diálogo entre si. O discurso desta obra vai decorrendo em propostas melódicas e rítmicas, imitações e variantes, entre o violino e a gravação.

Esta peça foi dedicada ao meu filho José Machado que também foi o intérprete da gravação que só foi possível dada a solidariedade do nosso compositor e amigo João Pedro Oliveira, que executou a minha partitura encontrando os sons electrónicos por mim desejados e também gravando as intervenções do violino, componentes intrínsecas desta obra.

Clotilde Rosa

### ***In Tempore (2000), João Pedro Oliveira***

Esta obra pretende ser uma espécie de jogo com o tempo. Tal como acontece nos contos de fadas, onde o tempo por vezes parece ser esticado ou comprimido, de forma a criar uma sensação de magia na criança que escuta, nesta obra os gestos musicais e a interacção instrumento-fita, propõem uma espécie de viagem que joga simultaneamente com a memória do ouvinte, e com o seu poder de antecipação.

Pretende-se assim realizar num jogo temporal em que os espaços entre acontecimentos sonoros são auditivamente esticados ou encolhidos em relação ao seu valor temporal cronométrico.

A própria expressão *In Tempore* foi usada pelos poetas clássicos como forma de expressar o envolvimento do leitor (neste caso, do ouvinte) no turbilhão ("maëlstrom") do tempo.

João Pedro Oliveira

### ***Anamnese das constantes ocultas (2010-11), Jaime Reis***

ritornello

Para os 40 anos do magnífico GMCL e o seu importantíssimo contributo para a promoção da música erudita contemporânea em Portugal e no estrangeiro.

Trata-se de uma espécie de ritornello, no qual o material não é repetido linearmente, mas antes os seus processos geradores. Esta ideia é análoga à ideia de "anamnese", pois há uma associação entre memória, entre a percepção de um evento passado e os momentos de "reiteração" de processos.

O título é inspirado na literatura de Pierre Bourdieu e é também alusivo a um processo análogo ao poema, no qual, na sua génese, existem processos de profunda transformação semântica através de poucas transformações.

Esta peça faz parte de um projecto maior que inclui gravações entre 2004 e 2007, com os músicos: César Cravo (clarinete), Luís Rocha (fagote), Jorge Salgado Correia (flauta), Pedro Fernandes e Bruno Estima (percussão), Domingos Teixeira (trompete), David Loyd (violino). E os cantores: Alberto Sousa, António Salgado Isabel, Carla Sofia Pais, Catarina Braga, Leonel Pinheiro, Mariana Alves Da Costa, Moisés Freitas, Nuno Dias, Pedro Nuno Figueira, Joaquina Ly, Raquel Camarinha, Ricardo Panela e Susana Milena. O material recolhido teve o primeiro trabalho aquando de uma residência no Visby International Centre for Composers, Studio Alpha, Gotland, Suécia, em Setembro de 2007. A electrónica tem algumas particularidades, nomeadamente, a utilização de um altifalante direccionado, desenvolvido no ISEL pelo Engenheiro Joel Paulo.

Esta encomenda do GMCL, a quem muito agradeço.

no meu imo,

não há evo.

etéreo eu.

No meu âmago, não há eternidade, só o puro eu.

no meu imo  
há evo  
etéreo, eu.

No meu âmago, há eternidade pura, sou eu.

no não etéreo  
meu há  
imo, evo. eu.

A eternidade de cada indivíduo, o eu, reside no íntimo que se encontra no não sublime.

A parte do íntimo que se encontra no sublime, na pureza de cada um, não é tangível.

Jaime Reis, 2004

### ***Docas – I Allegro II – Adagio III – Allegro (2011), Francisco Monteiro***

Trata-se de uma obra iniciada em 2009 e acabada em 2011, dedicada ao G.M.C.L., inspirada na singularidade de uma cidade com docas: a azáfama das máquinas, dos navios, a nostalgia dos marinheiros, a chegada ao porto, o passeio na cidade e, depois, o apelo do navio, do mar e da partida, numa nova azáfama dos embarcadiços.

É, ainda, uma obra que propõe uma visão estética sobre a música de hoje: derrubando barreiras estilísticas, incorporando estruturas de géneros “menores”, insistindo na participação corporal tanto da performance como da escuta, propondo uma reflexão sobre os caminhos enviesados da música (Erudita? Canónica?) de hoje.

Francisco Monteiro

### ***Oito Poemas Breves de Valter Hugo Mãe (2002), Fernando Lapa***

Esta peça tem uma ambição simples: deixar respirar os poemas breves e sugestivos do poeta. Eles são uma espécie de diário de sensações e emoções, onde o sol, a praia, o corpo ou a morte adquirem uma posição central. Predomina um ambiente descritivo. Horizontal.

Com o primeiro poema – “Este é o cemitério dos meus dias: Aqui os sepulto, um a um, pormenorizadamente.” – se estabelece o enquadramento de um seu livro (“o sol pôs-se calmo sem me acordar”), de onde retirei os sete outros poemas sobre que trabalhei.

A forma geral da peça é, em consequência, muito simples. Cada poema é um lugar único. Daí o seu tratamento individualizado, assumido ao nível do tratamento da voz e das sonoridades adjacentes. Como traço de união, estabelecendo o fio que tece estes vários momentos breves, há uma textura simples e neutra, algo mecanicista e abstracta, no início apresentada pelo piano e lá mais para diante assumida pelas cordas, até aparecer em sobreposições elementares, em jeito de “stretto”, antes do fim.

A linguagem é descomplexada e livre. (Nunca me preocuparam muito as matrizes, as escolas ou as famílias. Muito menos os rótulos.) Os intervalos de segunda maior e de trítono desempenham no entanto um papel central na definição dos perfis horizontal e vertical, bem como na ambiência de diversas texturas.

Encomendada pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, esta obra é dedicada a esta formação histórica da música contemporânea portuguesa.

Fernando C. Lapa

## **GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA**

Fundado em 1970 por Jorge Peixinho, com a colaboração de Clotilde Rosa, Carlos Franco e António Oliveira e Silva, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (GMCL) é o primeiro grupo português de música contemporânea, desempenhando um papel histórico de vanguarda na abertura da sociedade portuguesa à estética musical do nosso tempo.

A sua primeira apresentação pública aconteceu no Festival de Sintra 1970, mantendo, desde então, uma constante regularidade nas suas apresentações no país, incluindo gravações para a rádio e televisão. Em 1972, teve a sua primeira deslocação ao estrangeiro, ao Festival de Arte Contemporânea de Royan.

Ao longo dos seus 40 anos de existência, O GMCL apresentou-se em vários Festivais de Música Contemporânea, nomeadamente em Amsterdão, Bamberg, Bayreuth, Belo

Horizonte, Bruxelas, Madrid, Nice, Roterdão, Santos, São Paulo, Sevilha, Siena, Turim, Valência, Varsóvia e Zagreb. Em Portugal, destaca-se a sua participação regular nos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea e ainda nos Festivais do Estoril, Coimbra, Europália 91 e T.N. S. Carlos, entre outros.

A discografia do GMCL compreende predominantemente obras de Jorge Peixinho, com várias interpretações dirigidas pelo próprio compositor, para além de numerosas criações de outros compositores portugueses. Tem recebido sempre o aplauso da crítica especializada portuguesa e internacional. O Grupo gravou também obras de compositores portugueses para a Tribuna Internacional de Compositores e participou em várias obras originais para teatro, cinema e multimédia.

O GMCL foi distinguido com a medalha de Mérito Cultural atribuída pela Secretaria de Estado da Cultura, como reconhecimento da sua atividade de divulgação da cultura musical contemporânea nacional e estrangeira.

Divulgar obras de autores portugueses contemporâneos, com incidência na obra de Jorge Peixinho, é o cerne da missão do GMCL. Apoiado pelo Ministério da Cultura, desenvolve desde 2000 um projeto de encomendas de obras a compositores com a sua respectiva apresentação pública e divulgação. Paralelamente, o GMCL desenvolve uma ação pedagógica de divulgação, de criação de públicos e de formação de novos maestros e intérpretes.

Em 2010, aquando da celebração do seu 40º aniversário, o GMCL apresentou-se em França, Espanha e em Portugal, no Centro Cultural de Belém, na Casa da Música e na Culturgest.

Em 2011 destacam-se os concertos de internacionalização do GMCL: em Itália, no Festival de Música Contemporânea de Acqui Terme; e em Londres, no Royal College of Music, com estreia com obras de Constança Capdeville, Pedro Faria Gomes, Jorge Peixinho e a estreia da ópera “Hotel Suite”, com libreto de Rui Zink e música de Luís Soldado, e no 2º Festival de Cinema Português, no Barbican Centre, interpretando a música composta por Luís Soldado para o filme “Os Lobos”, de Rino Lupo.